

Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre



Maio 2021

Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

Maio: O mundo das finanças

Rezemos para que os responsáveis das finanças colaborem com os governos para regulamentar os mercados financeiros e proteger os cidadãos dos seus perigos.



RADIO MARIA

A **Rádio Maria** deu os seus primeiros passos em 1983, como uma rádio paroquial local, e destacava-se de tudo o resto pela sua devoção especial a Maria. Em 1987, São João Paulo II exortava todos os fiéis a colaborarem juntos na nova Evangelização em vista ao terceiro milénio. Neste mesmo ano fundou-se a Associação **Rádio Maria**, uma rádio inspirada na Virgem Maria e ao seu serviço. O fundador da Família Mundial da **Rádio Maria** foi Emanuele Ferrario, que morreu em Julho de 2020.

Mantendo-se sempre fiel à inspiração original, a **Rádio Maria** foi ao encontro dos ouvintes fora das fronteiras de Itália, espalhando-se pelos 5 continentes. Conta, neste momento, com 28 estações na Europa, 23 na América, 23 em África e 8 na Ásia e Oceânia, num panorama de mais de 65 línguas, estando, finalmente, a chegar a Portugal no dia 13 de Maio de 2021!

O voluntariado é a força motora da **Rádio Maria**: “Dai, e dar-se-vos-á” (Lucas 6, 38). Os voluntários são o coração da **Rádio Maria**, desejando ajudar Nossa Senhora na realização da Sua obra materna de paz e amor.

É uma rádio que se entrega, sem hesitar, à Divina Providência, na qual encontra sempre apoio seguro. A visão de qualquer **Rádio Maria** centra-se em levar o Evangelho a todas as pessoas, de todos os tempos e lugares. A sua missão é ser instrumento de comunicação (simples e directa) para a Nova Evangelização. Os seus valores são assim centrados na Eclesialidade, na confiança na Divina Providência, na Missionariedade, na espiritualidade mariana e no voluntariado.

O director editorial responsável por todos os programas da **Rádio Maria** Portugal é o Pe. Marco Luís, nomeado para essa função a 6 de Novembro de 2020 por D. José Ornelas, Bispo da Diocese de Setúbal e presidente da Conferência Episcopal Portuguesa.

<https://radiomaria.pt> | Frequências | Lisboa 102.2 FM | Porto 100.8 FM

S. José, esposo da Virgem Maria

Nas meditações anteriores já tivemos a possibilidade de nos iniciarmos um pouco no mistério de S. José, ou seja, o seu lugar na história da salvação, que consiste em ter sido escolhido por Deus para ser esposo da Virgem Maria e Pai nutrício de Jesus.

No início do Evangelho segundo S. Mateus lemos: “Jacob gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama Cristo” (Mt 1,16). Depois, encontra-se a menção a S. José no contexto da concepção virginal de Jesus, quando se diz que José, que era justo, não querendo difamar a sua esposa, pensava deixá-la em segredo (cf. Mt 1,19).

Foi seguramente um momento dramático para aquele homem “justo”, o qual, na presença do mistério que acontecia na sua esposa, deseja deixá-la em segredo. Mas, num sonho, um anjo lhe falou e lhe disse que não tivesse medo de acolher a sua esposa, porque o que nela estava a acontecer era obra de Deus: “despertando José do sono fez como lhe ordenou o anjo do Senhor e recebeu sua mulher” (Mt 1,25).

Está presente no nosso imaginário a representação dos evangelhos apócrifos que descrevem S. José como um homem viúvo, de idade avançada e com filhos, ao qual os sumo-sacerdotes teriam entregado Maria para que a protegesse. Mas esta imagem não corresponde à verdade histórica, como viu muito bem S. Jerónimo [347-420]. Segundo a tradição judaica os rapazes casavam-se entre os 14 e os 18 anos, ao passo que as raparigas um pouco mais cedo, entre os 12 e os 14 anos. Segundo a tradição judaica, o casamento passava por três fases: numa primeira fase era o conhecimento entre as famílias, pois, sendo uma aliança entre os noivos, era também uma aliança entre as famílias. No segundo momento eram os esponsais entre os noivos, que continuavam a viver nas suas casas; e no terceiro momento era o matrimónio propriamente dito, em que o noivo recebia a noiva em sua casa e começavam verdadeiramente a conviver como esposos.

Os Evangelhos começam a narrativa na altura em que S. José e Nossa Senhora se encontravam na segunda fase, ou seja, estavam desposados, mas ainda não coabitavam. Este é

o sentido da observação de Nossa Senhora: “como será possível, se não conheço homem?” (Lc 1,34). Foi nesta fase que S. José notou a gravidez de Nossa Senhora, depois do regresso da sua visita a Santa Isabel, em cuja casa permaneceu durante três meses, até ao nascimento de S. João. Portanto, quando regressou a Nazaré já era visível a sua gravidez, o que causou a perplexidade de S. José. A sua reação, de não querer difamá-la e deixá-la em segredo, denota delicadeza moral e espiritual, que no fundo significa que se afasta respeitosamente perante o mistério que nela está a acontecer, que não entende, mas que procura no silêncio compreender, tanto mais que conhecia bem a sua esposa, que era absolutamente incapaz de o trair. É neste momento que Deus intervém através dum anjo que lhe fala em sonhos. O anjo que aparece visivelmente a Nossa Senhora e lhe anuncia o mistério da Incarnação, é o mesmo anjo que aparece em sonhos a José e lhe revela o mesmo mistério. E, perante a revelação divina, a resposta de S. José é a mesma que a de Nossa Senhora: “Despertando José do sono, fez como lhe ordenou o anjo do Senhor e recebeu sua mulher” (Mt 1,24). A partir de então vive totalmente para ela, acompanhando-a em todos os momentos, do nascimento de Jesus, à fuga para o Egipto, até à última notícia que os Evangelhos nos dão, sobre a perda e o encontro do Menino

Jesus no templo, quando, com a idade de 12 anos, foi pela primeira vez a Jerusalém: “depois desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso” (Lc 2,51).

Podemos daqui concluir que S. José foi o primeiro que consagrou toda a sua vida a Maria e a Jesus, que é o modelo da consagração a Nossa Senhora promovida por S. Luís Grignon de Montfort [1673-1716], e que, de um modo muito simples, Santo Afonso Maria de Ligório [1696-1787] nos ensinou nesta linda Consagração a Nossa Senhora: “Ó Senhora minha, ó minha Mãe, eu me ofereço todo a vós, e em prova da minha devoção para convosco, vos consagro neste dia e para sempre, os meus olhos, os meus ouvidos, a minha boca, o meu coração e inteiramente todo o meu ser. E porque assim sou vosso, ó incomparável Mãe, guardai-me e defendei-me como propriedade vossa. Lembrai-vos que vos pertencço, terna Mãe, Senhora nossa. Ah, guardai-me e defendei-me como coisa própria vossa”.

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Eclesiástico da AIS

Burquina Faso

Cristãos: 23,9%

Muçulmanos: 54,2%

Níger

Cristãos: 0,4%

Muçulmanos: 95,7%

Camarões

Cristãos: 59,4%

Muçulmanos: 20,2%

Nigéria

Cristãos: 46,3%

Muçulmanos: 46%

Mali

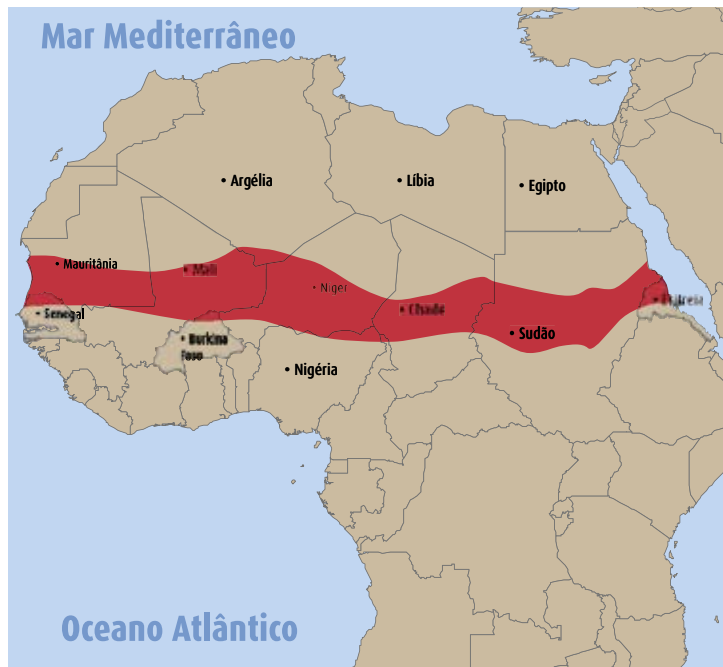
Cristãos: 2,2%

Muçulmanos: 87,9%

Chade

Cristãos: 35,2%

Muçulmanos: 56,7%

**SAHEL****UM PRESIDENTE NA PRISÃO**

Os ataques terroristas multiplicam-se no Sahel, semeando o terror e a confusão em populações já pobres e muitas vezes abandonadas pelo Estado. A Igreja trabalha todos os dias para desarmar os conflitos.

São várias centenas de refugiados que se amontoam neste campo da sorte. Mulheres e crianças, viúvas e órfãos amontoam-se à sombra de uma das raras árvores neste terreno emprestado por um proprietário generoso. Estão 35 graus. Estamos em Jatam, no centro norte do Burquina Faso. Estes burquineses fugiram à pressa da sua aldeia, da sua terra, das suas casas para não serem mortos num ataque terrorista inimigo. Uma perdeu o seu marido, outra o pai, uma terceira, o irmão...

“os terroristas matam principalmente os homens”, explicam-nos. Nestes campos, onde não há água e onde, desde a aurora, o sol incide sobre as lonas que servem de tendas e o desânimo e a tristeza dominam as pessoas. Os deslocados internos são mais de um milhão, à espera de ajudas do Estado que não chegam. Em 2019, o país sofreu mais de 580 ataques que causaram a morte de mais de 1.500 pessoas. A gravidade da situação é tal, que os refugiados do Mali voltam para o seu país aos milhares,



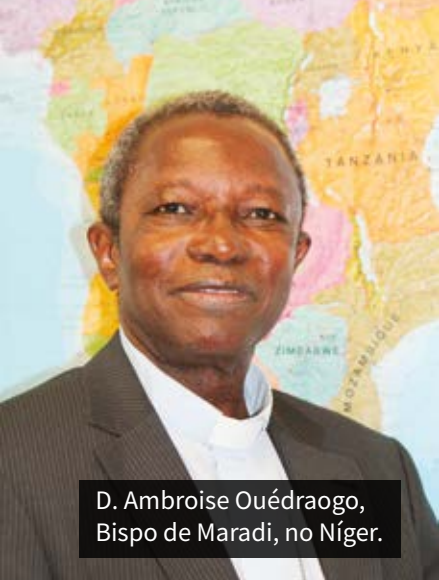
As Irmãs da Imaculada Conceição ajudam os refugiados no Burquina Faso.

certos de que a situação lá é melhor do que no Burquina Faso.

No entanto, o Mali está longe de ser um porto de abrigo, com o golpe militar de 18 de Agosto que destituiu o presidente Ibrahim Boubasas Keita (IBK). Esta destituição foi reclamada pelos Malianos, exasperados pela incapacidade do Governo na gestão das urgências do país. O facto é que a dissidência sobre o pós-golpe já se faz sentir e, como se sabe, o caos político é terreno fértil para os grupos terroristas. A 5 de Setembro foram mortos dois pára-quedistas franceses numa operação na região de Tessalit, no norte do Mali. A 9 de Setembro, quatro soldados malianos foram assassinados numa emboscada no centro do país, pois o auto-proclamado Estado Islâmico e a Al-Qaeda não agridem somente o norte do Mali mas também o centro. Perto da cidade de Mopti, os nómadas lutam contra os agricultores para se apropriarem das suas terras férteis e os terroristas exploram este conflito. Os

jihadistas posicionam-se como mediadores dos diferendos sobre as pastagens e tomam o poder progressivamente nas aldeias antes de introduzir a *sharia*.

O mesmo se passa na Nigéria, onde algumas regiões se encontram já sob a lei da *sharia*. Neste país, composto de tantos cristãos quanto muçulmanos, “há claramente uma ordem do dia para islamizar todas as zonas maioritariamente cristãs” diz-nos alarmado o Bispo de Mukurdi, D. Wilfred Anagbe. Os relatos denunciam um aumento dos ataques contra os Cristãos, perpetrados tanto pelo Boko Haram como pelos Peul. Algumas fontes afirmam que mais de 1.200 cristãos foram mortos nos seis primeiros meses de 2020. Entre eles, o seminarista Michel Nndadi, de 18 anos, raptado e assassinado a 1 de Fevereiro de 2020. Os raptos contra resgate são também moeda corrente, como as 100 jovens raptadas em 2018 e finalmente libertadas... com a excepção de uma, Leah, por ser cristã. Os



D. Ambroise Ouédraogo,
Bispo de Maradi, no Niger.



Aldeia católica completamente
queimada pelos terroristas no Mali.

raptos recorrentes têm também lugar nos vizinhos Camarões e Chade. Nesta região, o Boko Haram, que se julgava vencido, redobra de violência, usando novas estratégias cruéis, como por exemplo cortar as orelhas às mulheres das aldeias. Um castigo por não terem “obedecido” às ordens dos jihadistas... O grupo islâmico, que não esconde a sua ambição de impor a *sharia* no Sahel, é considerado responsável pela morte de 30 mil pessoas desde que surgiu em 2009.

Entre os terroristas do Sahel, há autênticos jihadistas nigerianos, líbios e outros que querem islamizar toda a África através das armas. Podemos identificar entre eles grupos como o GSIM (Grupo de apoio ao Islão e aos Muçulmanos, ligado ao Aqmi, Al-Qaeda no Magrebe Islâmico), ou o EIAO (Estado Islâmico da África Oriental). Mas o Islão é também um bom pretexto para os traficantes (drogas, armas, ouro e pessoas...) que não têm qualquer interesse na

manutenção de um Estado de direito e instrumentalizam a religião. Estes terroristas não se incomodam com matar outros muçulmanos, mesmo imãs, ou de beber álcool ou de não rezar.

Toda esta violência se multiplica em terreno favorável: uma pobreza extrema, desemprego galopante, corrupção endêmica... Neste contexto, muitos jovens aceitam juntar-se aos terroristas para ganhar algum dinheiro, ter um trabalho ou são recrutados à força. Quanto às forças de segurança, são mal formadas, mal equipadas e os militares preferem fugir dos ataques a deixar-se matar.

A população sente-se abandonada por um Estado em falência. “O nosso Governo está sobrecarregado. A situação agrava-se e o número de mortos é terrível. Ninguém parece ter a menor ideia do que se passa” denuncia D. Matthew Kukah, Bispo da Diocese de Sokoto, na Nigéria



A Igreja está envolvida na formação das crianças para que não caiam nas mãos dos terroristas (foto na Nigéria).

Oração

Para que Deus tenha compaixão e misericórdia dos povos do Sahel, que estão a sofrer tanta violência e agressões, e toque o coração empedernido e enfurecido dos terroristas, nós Te pedimos Senhor.

RESISTÊNCIA POPULAR

Em apoio aos fracos exércitos, o Burquina Faso decidiu em Janeiro de 2020 favorecer o recrutamento de “voluntários para a defesa da pátria”, ou seja, armar a população. Esta resistência popular, uma noção muito enraizada no Sahel, já permitiu salvar algumas aldeias de ataques terroristas. Mas armar a população comporta sempre o risco de violência gratuita, ou de guerra civil.

Os Estados do Sahel conseguiram por outro lado colocar várias forças conjuntas com o apoio dos seus aliados como a força militar francesa Barkhane, com cerca de 5.000 homens, o G5 Sahel, a Minusma com as Nações Unidas, a FMM

(Força Mista Multinacional)... Estas nações do Sahel “aplicam assim 20% dos seus orçamentos na luta contra o terrorismo”, lembra o D. Ambroise Ouedraogo, Bispo de Maradi, na Nigéria onde, a 9 de Agosto, seis franceses e dois nigerianos foram assassinados por terroristas a 60 km de Niamey.

A Igreja, por sua vez, faz um trabalho titânico no terreno, apesar do perigo (seis padres foram assassinados em 2019 e 2020). Oferece um apoio escolar às crianças deslocadas porque, sem escola, são presa fácil para os jihadistas. A Igreja empenha-se também em formar os religiosos sobre o terrorismo e a oferecer apoio psicológico às pessoas traumatizadas pelos ataques. E, sobretudo, não cessa de sensibilizar os fiéis para o diálogo inter-religioso e inter-étnico a fim de cessar a escalada de violência que viria a estigmatizar uma comunidade ou etnia. Apoando-se na boa coexistência que reinava antes destes ataques, evita assim o jogo de represálias e banhos de sangue. “Na nossa situação, o diálogo



Grupos de defesa armados no Burquina Faso.



D. Jonas Dembène com o Imã ao encontro da população (Diocese de Kayes, no Mali).

é uma necessidade”, explica D. Traoré Augustin, Bispo de Ségou, no Mali. “Porque quando o diálogo é realizado com um empenho sincero de uma parte e de outra, pode produzir frutos de paz e de coesão social”.

Os Cristãos do Sahel rezam todos os dias para implorar a Paz e a Justiça na sua região. “A nossa kalachnikov é a oração” não cessa de repetir o Cardeal Ouédraogo, Arcebispo de Ouagadougou, no Burquina Faso. A Igreja do Sahel alegra-se também por ver que, no meio das tribulações, os Cristãos não só se mantêm fiéis como o seu número não pára de aumentar. Apesar do medo, as vocações florescem e as igrejas não se esvaziam. Peter, seminarista burquinense cujos pais tiveram de fugir para evitar a morte, reafirmava recentemente: “Eu não tenho medo. Pedi a Deus que me guiasse na minha vocação. Quero servir a Igreja no mundo e sobretudo na zona do Sahel, com os Peul, para lhes anunciar a Boa Nova e para que se convertam”.

Oração

Para que os Cristãos não deixem de acreditar e rezar pela paz, e continuem o seu trabalho esforçado e perseverante em prol do diálogo inter-religioso, nós Te pedimos Senhor.

OS CRISTÃOS E O JIHADISMO

A imprensa relata-nos diariamente uma série de ataques, represálias, famílias deslocadas e mortos. Hoje, ninguém no mundo pode negar a existência do terrorismo e do jihadismo. Como cristãos, devemos tomar consciência que em nome da nossa fé cristã em Jesus Cristo podemos ser confrontados até ao “martírio”. Em cada dia, temos de nos deixar interpelar pelas palavras de Jesus: “Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.” (Mt 16, 24). D. Ambroise Ouédraogo, Bispo de Maradi, Nigéria.

ORAÇÃO À MÃE DE DEUS CONTRA AS EPIDEMIAS



Na vila de Qara, na Síria, as **monjas de Unidade de Antioquia** têm rezado pelo fim da pandemia do coronavírus com a mesma oração que a Rainha Santa Isabel e as irmãs Clarissas de Coimbra invocaram para o fim da peste no séc. XIV, em Portugal. E com sucesso, segundo a religiosa Maria Lúcia Ferreira, mais conhecida como Ir. Myri e que pertence àquela congregação religiosa.

É uma história quase improvável mas que aconteceu. Recentemente, um viajante – raro viajante nestes tempos de pandemia – apareceu com vários ícones, um dos quais encontra-se na Temple Gallery, em Londres. Procurava o olhar informado da Madre Agnès de La Croix, a superiora do Mosteiro de São Tiago Mutilado, que se dedicou durante anos à restauração de ícones nos tempos em que começou a sua vida religiosa no Carmelo de Harissa, no Líbano e até ao início da guerra na Síria.

A fama dos seus conhecimentos nesta área é grande e a sua palavra basta para

ajudar a tirar dúvidas, identificar símbolos, traduzir palavras, ou simplesmente para esclarecer sobre a autenticidade das peças. E a Madre Superiora, depois de analisar o ícone que está à guarda no museu londrino, descobriu uma ligação incrível com a Rainha Santa Isabel.

A Ir. Myri conta a história. O viajante, conhecido da Madre Superiora, bateu à porta do Mosteiro com vários ícones “para fazer uma peritagem”. “Um dos ícones, da Temple Gallery, em Londres, tem na parte de baixo escrito em árabe qualquer coisa. A Madre tentou decifrar esse árabe arcaico e fez algumas pesquisas e encontrou uma coisa interessante...” É aqui que a história do ícone se cruza com Portugal.

No texto da peritagem sobre o ícone, a Madre Agnès de La Croix afirma que “seguindo uma tradição de confiança, o texto foi oferecido pelo Apóstolo São Bartolomeu, escrito num cartão, que apareceu às **Clarissas de Coimbra em Portugal**, enquanto a cidade era

devastada pela peste em 1317, para que o recitassem”. E o convento foi poupado. O mosteiro de Coimbra, recorde-se, foi refundado em 1314 pela Rainha Isabel de Aragão, esposa de D. Dinis I, Rei de Portugal, que aí se retirou e morreu. Conhecida como Rainha Santa ou **Santa Isabel de Portugal**, foi canonizada pelo Papa Urbano VIII em 1625.

O ícone que a Madre Superiora de Qara analisou, foi datado de cerca de 1700-1710 e tem a imagem da Mãe de Deus representada de frente ligeiramente virada para a esquerda. Ela carrega o Menino Jesus nos joelhos e amamenta-o, oferecendo-lhe o seio com a mão direita. De cada lado da composição central estão dois anjos de joelhos. Na parte inferior está o texto, uma prece à Mãe de Deus para implorar a sua proteção contra a “epidemia”.

A Ir. Myri explica que a oração “foi composta por São Pedro de Damasco, contemporâneo de São João de Damasceno, quando houve no séc. VIII também a primeira peste registada na História”. “E foi escrita nesse ícone do início do séc. XVIII porque Alepo também tinha às vezes vagas de epidemias nessa altura. Epidemias de peste bubónica.”

Confrontadas com a existência desta oração que as Clarissas de Coimbra rezaram pelo fim da peste no séc. XIV, as religiosas do Mosteiro de São Tiago Mutilado, em Qara, na Síria, em pleno séc. XXI, decidiram fazer o mesmo. **“Nós começámos logo a rezar aqui essa oração numa altura em que estavam a aumentar imenso por aqui [os casos] de Covid 19. E o Covid, a pouco e pouco**

desapareceu em poucas semanas...”

Para a religiosa portuguesa Ir. Myri, esta história é um sinal. **“Por isso convindo toda a gente a rezar esta oração que foi dada, a nossa ver, como uma misericórdia porque depois de termos começado a rezar o Covid aqui à nossa volta acabou... Parece ser uma oração bastante poderosa vinda de Damasco e passada por Portugal e foi através de Portugal que foi depois conhecida em toda a Europa e que os missionários a levaram de novo até Alepo. Que a bênção de Deus desça sobre vós, vinda do Oriente uma vez mais...”**

Paulo Aido

A ORAÇÃO

*Estrela do céu,
que amamentou o Senhor,
derrotou a praga mortal plantada
pelo primeiro pai dos homens.
Que esta estrela se digne agora
reter os corpos celestes
cujas batalhas afligem o povo
pelas cruéis feridas da morte.*

*Ó mais piedosa estrela do mar,
salve-nos da epidemia.*

*Ouçá-nos, Nossa Senhora,
porque o vosso Filho que vos honra
não vos pode recusar nada.*

*Salve-nos, ó Jesus,
por quem a Virgem Mãe Vos reza.*

*Rogai por nós, piedosa Mãe de Deus.
Vós que quebrastes a cabeça
da serpente, socorrei-nos.*

No silêncio do agir quotidiano



Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, **primeiro dia de Maio**, celebramos **São José Operário** e damos início ao **mês tradicionalmente dedicado a Nossa Senhora**. Então, neste nosso encontro gostaria de meditar sobre estas duas figuras tão importantes na vida de Jesus, da Igreja e da nossa vida, com dois breves pensamentos: o primeiro sobre o **trabalho**, e o segundo sobre a **contemplação de Jesus**.

1. No Evangelho de São Mateus, no momento em que Jesus volta para o seu povoado, Nazaré, e fala na sinagoga, salientam-se o assombro dos seus compatriotas pela sua sabedoria, e a interrogação que levantam: “Não é ele o filho do carpinteiro?” (13, 55). Jesus entra na nossa história, vem ao meio de nós, nascendo de Maria por obra de Deus, mas com a presença de São José, o pai legal que o protege e que lhe ensina também o seu trabalho. Jesus nasce e vive numa família, na Sagrada Família, aprendendo de São José a profissão de carpinteiro na oficina de Nazaré, compartilhando com ele o compromisso, o cansaço, a satisfação e também as dificuldades de cada dia.

Isto faz-nos pensar na dignidade e na importância do trabalho. O livro do Génesis narra que Deus criou o homem e a mulher, confiando-lhes a tarefa de encher a terra e de a submeter, o que não significa explorá-la, mas cultivá-la, preservá-la e cuidá-la com a própria obra (cf. Gn 1, 28; 2, 15). **O trabalho faz parte do plano de amor de Deus; nós somos chamados a cultivar e preservar todos os bens da criação, e deste modo participamos na obra da criação! O trabalho é um elemento fundamental para a dignidade da pessoa. Para usar uma imagem, o trabalho “unge-nos” de dignidade, enche-nos de dignidade; torna-nos semelhantes a Deus, que trabalhou e trabalha, agindo sempre** (cf. Jo 5, 17); doa-nos a capacidade de nos mantermos, a nós e à nossa família, de contribuir para o crescimento da própria nação. E aqui penso nas dificuldades que hoje, em vários países, o mundo do trabalho e da empresa enfrenta; penso em quantos, e não apenas jovens, estão desempregados, muitas vezes por causa de um conceito economicista da sociedade, que procura o lucro egoísta, fora dos parâmetros da justiça social.

Desejo dirigir a todos o convite à solidariedade, e aos responsáveis do Governo, o encorajamento a fazer todos os esforços para dar um novo impulso ao emprego; isto significa

preocupar-se pela dignidade da pessoa; mas, sobretudo, gostaria de dizer que **não percam a esperança; também São José enfrentou momentos difíceis, mas nunca perdeu a confiança e soube superá-los, na certeza de que Deus não nos abandona.** E depois gostaria de me dirigir especialmente a vós, rapazes e raparigas, a vós jovens: comprometei-vos no vosso dever quotidiano, no estudo, no trabalho, nas relações de amizade, na ajuda aos outros; o vosso futuro depende também do modo como souberdes viver estes anos preciosos da vossa vida. Não tenhais medo do compromisso, do sacrifício, e não olheis para o futuro com temor; mantende viva a esperança: há sempre uma luz no horizonte.

Acrescento uma palavra sobre outra particular situação de trabalho que me preocupa: refiro-me àquele que poderíamos definir como o “trabalho escravo”, o trabalho que escraviza. **Quantas pessoas, no mundo inteiro, são vítimas deste tipo de escravidão, em que é a pessoa que serve o trabalho, enquanto é o trabalho que deve oferecer um serviço às pessoas, para que tenham dignidade.** Peço aos irmãos e às irmãs na fé, e a todos os homens e mulheres de boa vontade, uma opção decidida contra o tráfico de pessoas, no âmbito do qual se enquadra o “trabalho escravo”.

2. Menciono o segundo pensamento: **no silêncio do agir quotidiano, São José juntamente com Maria só têm um único centro comum de atenção: Jesus.** Eles acompanham e protegem, com compromisso e ternura, o crescimento do Filho de Deus que por nós se fez homem, meditando tudo o que acontecia. Nos Evangelhos, São Lucas sublinha duas vezes a atitude de Maria, que é também de São José: “Conservava todas estas palavras, meditando-as no seu coração” (2, 19.51). **Para ouvir o Senhor, é necessário aprender a contemplá-lo, a sentir a sua presença constante na nossa vida; é preciso parar e dialogar com Ele, reservar-lhe espaço mediante a oração.** Cada um de nós, também de vós rapazes, raparigas e jovens, tão numerosos hoje de manhã, deveria interrogar-se: que espaço reservo ao Senhor? Paro para dialogar com Ele? Desde quando éramos crianças, os nossos pais acostumaram-nos a começar e a terminar o dia com uma oração, a fim de nos educar para sentir que a amizade e o amor de Deus nos acompanham. **Recordemo-nos mais do Senhor durante os nossos dias!**

E neste mês de Maio, gostaria de evocar a importância e a beleza da prece do Santo Rosário. Recitando a Avé Maria, somos levados a contemplar os mistérios de Jesus, ou seja, a meditar sobre os momentos centrais da sua vida a fim de que, como para Maria e São José, Ele seja o cerne dos nossos pensamentos, das nossas atenções e das nossas obras. **Seria bom se, sobretudo neste mês de Maio, recitássemos juntos, em família, com os amigos, na paróquia, o Santo Rosário ou alguma oração a Jesus e à Virgem Maria! A oração recitada juntos é um momento precioso para tornar ainda mais sólida a vida familiar, a amizade! Aprendamos a rezar mais em família e como família!**

Caros irmãos e irmãs, peçamos a São José e à Virgem Maria que nos ensinem a ser fiéis aos nossos compromissos diários, a viver a nossa fé nos gestos de todos os dias, a reservar mais espaço ao Senhor na nossa vida e a pararmos para contemplar o seu Rosto. Obrigado!



OS DEZ MANDAMENTOS

CAPÍTULO II - AMARÁS O TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO

4º MANDAMENTO: Honrar Pai e Mãe

455. O que nos manda o quarto mandamento?

Manda honrar e respeitar os nossos pais e aqueles que Deus, para o nosso bem, revestiu com a sua autoridade.

456. Qual é a natureza da família no plano de Deus?

Um homem e uma mulher, unidos em matrimónio, formam com os filhos uma família. Deus instituiu a família e dotou-a da sua constituição fundamental. O matrimónio e a família são ordenados ao bem dos esposos e à procriação e educação dos filhos. Entre os membros da família estabelecem-se relações pessoais e responsabilidades primárias. Em Cristo, a família torna-se igreja doméstica, porque ela é comunidade de fé, de esperança e de amor.

457. Que lugar ocupa a família na sociedade?

A família é a célula originária da sociedade humana e precede qualquer reconhecimento da autoridade pública. Os princípios e os valores familiares constituem o fundamento da vida social. A vida de família é uma iniciação à vida da sociedade.

458. Quais os deveres da sociedade em relação à família?

A sociedade tem o dever de sustentar e consolidar o matrimónio e a família, no respeito também do princípio de subsidiariedade. Os poderes públicos devem respeitar, proteger e favorecer a verdadeira natureza do matrimónio e da família, a moral pública, os direitos dos pais e a prosperidade doméstica.

459. Quais os deveres dos filhos para com os pais?

Em relação aos pais, os filhos devem respeito (piedade filial), reconhecimento, docilidade e obediência, contribuindo assim, também com as boas relações entre irmãos e irmãs, para o crescimento da harmonia e da santidade de toda a vida familiar. Se os pais se encontrarem em situação de indignidade, de doença, de solidão ou de velhice, os filhos adultos devem-lhes ajuda moral e material.

460. Quais os deveres dos pais para com os filhos?

Os pais, participantes da paternidade divina, são os primeiros responsáveis da educação dos filhos e os primeiros anunciadores da fé. Têm o dever de amar e respeitar os filhos como pessoas e filhos de Deus e, dentro do possível, de prover às suas necessidades materiais e espirituais, escolhendo para eles uma escola adequada e ajudando-os com prudentes conselhos na escolha da profissão e do estado de vida. Em particular, têm a missão de educá-los na fé cristã.

461. Como é que os pais educam os filhos na fé cristã?

Principalmente com o exemplo, a oração, a catequese familiar e a participação na vida eclesial.

462. Os laços familiares são um bem absoluto?

Os laços familiares são importantes mas não absolutos, porque a primeira vocação do cristão é seguir Jesus, amando-o: “Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim; quem ama a filha ou o filho mais do que a Mim não é digno de Mim” (Mt 10,37). Os pais devem, com alegria, ajudar os filhos no seguimento de Jesus, em todos os estados de vida, mesmo na vida consagrada ou no ministério sacerdotal.

463. Como exercer a autoridade nos diferentes âmbitos da sociedade civil?

A autoridade deve ser exercida, como um serviço, respeitando os direitos fundamentais da pessoa humana, uma justa hierarquia de valores, as leis, a justiça distributiva, e o princípio de subsidiariedade. No exercício da autoridade, cada um deve procurar o interesse da comunidade em vez do próprio e deve inspirar as suas decisões na verdade acerca de Deus, do homem e do mundo.

464. Quais os deveres dos cidadãos em relação às autoridades civis?

Os que estão submetidos à autoridade vejam os superiores como representantes de Deus e colaborem lealmente no bom funcionamento da vida pública e social. Isto comporta o amor e o serviço da pátria, o direito e o dever de votar, o pagamento dos impostos, a defesa do país e o direito a uma crítica construtiva.

465. Quando é que o cidadão não deve obedecer à autoridade civil?

Em consciência, o cidadão não deve obedecer quando os mandamentos das autoridades civis se opõem às exigências da ordem moral: “É necessário obedecer mais a Deus do que aos homens” (Act 5,29).

São José dormindo

NOVO



“**Q**ueria ainda dizer-vos algo de pessoal. Amo muito São José, porque é um homem forte e silencioso. Na minha escrivaninha, tenho uma imagem de São José que dorme e, enquanto dorme, cuida da Igreja. Sim! Pode fazê-lo, como sabemos. E, quando tenho um problema, uma dificuldade, escrevo um bilhetezinho e meto-o debaixo de São José, para que o sonhe. Este gesto significa: reza por este problema.”

Papa Francisco, *Encontro com as famílias em Manila*, 16 de Janeiro de 2015

Adquira esta pequena imagem para aumentar a sua devoção a São José. Tal como o Papa Francisco, entreguemos-lhe as nossas preocupações e problemas, e ele nos ensinará a confiar plenamente no poder e na misericórdia de Deus.

Cód. DI150

€ 7,50

Dimensões: 11 cm de comprimento

SEMENTES DE ESPERANÇA - *Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre*

PROPRIEDADE Fundação AIS
 DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
 REDACÇÃO E EDIÇÃO Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj,
 Alexandra Ferreira
 FONTE L'Église dans le monde - AIS França
 FOTOS : © ACN

CAPA *Devoção a Maria*
 PERIODICIDADE 11 edições anuais
 IMPRESSÃO Gráfica Artipol
 PAGINAÇÃO JSDesign
 DEPÓSITO LEGAL 352561
 ISSN 12, 2182-3928

Isento de registo na ERC ao abrigo do Dec. Reg. 8/99 de 9/6 art.º 12 n.º 1 A



Fundação AIS
 ACN PORTUGAL

Rua Professor Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 LISBOA
 Tel 217 544 000 | IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8
 fundacao-ais@fundacao-ais.pt | www.fundacao-ais.pt